

REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS DE DISCENTES OUVINTES SOBRE DOCENTES SURDOS E DISCIPLINA LIBRAS

Hearing Student's Representations and Speeches About
Deaf Teachers and Sign Language Discipline

Fabiano Souto Rosa¹⁹
Francielle Cantarelli Martins²⁰

RESUMO

Este trabalho focaliza as representações e discursos de discentes ouvintes a partir de duas disciplinas ministradas por docentes surdos: Libras e Psicologia - Surdez. Vale ressaltar que esses discentes não haviam tido experiência em sala de aula com nenhum outro docente surdo, os quais utilizam a Libras para se comunicar. O objetivo é analisar o que os discentes compreendem sobre a Libras e docentes surdos. Como metodologia, utilizamos questionários previamente elaborados, os quais foram entregues aos discentes para que res-

ABSTRACT

This work focuses on the representations and discourses of hearing students from two disciplines taught by deaf teachers: Libras and Psychology - Deafness. It is worth mentioning that these students had had no experience in the classroom with any other deaf teacher, who use Libras to communicate. The objective is to analyze what the students understand about Libras and deaf teachers. As a methodology, we used previously elaborated questionnaires, which we gave to the students to respond freely with

¹⁹ Universidade Federal de Pelotas (fabisouto1@gmail.com).

²⁰ Universidade Federal de Rio Grande (franciellecantarelli@yahoo.com.br).

pondessem livremente, utilizando suas opiniões. Esse questionário foi entregue no primeiro dia de aula e também foi apresentado no encerramento da última aula do semestre. Para a análise, utilizamos autores como Foucault (2002), que nos auxiliou a refletir sobre o discurso. Também utilizamos Gesser (2009) e suas explicações sobre a Libras. Foi possível perceber diferenças significativas entre as primeiras e as últimas respostas dos questionários. No início do semestre, as respostas originaram quatro categorias: corpo, visão clínica, mundo surdo e marca. No questionário final, ocorreu a supressão da categoria visão clínica, sendo as categorias finais: visão, marca e mundo surdo. Os resultados indicam que as disciplinas ministradas provocaram mudanças nas representações discentes sobre os surdos e a surdez.

their opinions. This questionnaire was delivered on the class on first day and was also applied at the end of the last class. For the analysis we use authors like Foucault (2002) who helped us to reflect on the discourse. We also consulted Gesser (2009) and his explanations about Brazilian Sign Language - Libras. It was possible to perceive significant differences between the first and last answers to the questionnaires. At the beginning of the semester the answers originated four categories: body, clinical vision, deaf world and brand. In the final questionnaire, the clinical vision category was suppressed, with the final categories: vision, brand and deaf world. The results indicate that the disciplines taught have caused changes in student representations about the deaf and the deafness.

PALAVRAS-CHAVE

Docentes surdos. Representações. Discursos.

KEYWORDS

Deaf teachers, Representations, Speeches

Este trabalho focaliza as representações e discursos de discentes ouvintes a partir de duas disciplinas ministradas por docentes surdos: Libras – Língua Brasileira de Sinais e Psicologia e Surdez. Apesar das duas disciplinas serem distintas, o ponto mais importante para que as escolhêssemos é o fato de que ambas são ministradas por docentes surdos. Como docentes surdos, utilizamos Libras como primeira língua, que é a língua reconhecida através da Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002 e do Decreto 5.626 de 30 de dezembro de 2005. É uma língua como outras línguas orais, tendo diversos níveis linguísticos e parâmetros, tais como, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, entre outros. Porém, a única diferença entre língua de sinais e língua oral é a

sua modalidade de articulação, já que a língua de sinais é uma língua que acontece no espaço e é captada através do visual.

Quadros e Karnopp (2004) explicam que, há muito tempo, a língua de sinais foi inferiorizada, pois, como não era reconhecida oficialmente, não havia muitas pesquisas científicas relacionadas a ela. Nesse período, os surdos que utilizavam as línguas de sinais, eram desvalorizados, já que essas não eram consideradas um idioma. Em alguns momentos históricos, os surdos foram proibidos de utilizá-la, também, por falta de seu status como língua. Atualmente, graças a muitas pesquisas científicas, as línguas de sinais são comprovadamente o idioma das pessoas surdas, usadas para expressar seus posicionamentos nos âmbitos político, linguístico, educacional e cultural.

É notável encontrar no Decreto que regulamentou a lei de Libras, no Capítulo II, artigo 3º, a exigência da inserção da disciplina de Libras no ensino superior, disciplina essa que é nosso objeto de estudo neste trabalho. O ensino de Libras foi considerado obrigatório nos cursos de formação de docentes e de profissionais que atendem pessoas surdas, para que os interesses e as características dessa minoria linguística e cultural fossem levados em conta. A Lei obriga os profissionais a terem conhecimentos sobre a Libras, numa clara demonstração de que essas pessoas devem ser consideradas nas questões escolares, bem como nas de atendimento à saúde. Em função disto, diversas Universidades, hoje, estão se adequando para atender à demanda dessa disciplina, sendo que, nos cursos de licenciatura, são oferecidas como obrigatórias e, nos cursos de bacharelado, como optativa. A única exceção é o curso de Fonoaudiologia, que também precisa inserir essa disciplina em seu currículo, mas como obrigatória, apesar de ser bacharelado.

A Libras tornou-se uma disciplina curricular obrigatória a partir do ano de 2005, e a sua prática deve respeitar a legislação vigente para assegurar a qualidade dos processos de ensino e aprendizagem. De fato, a disciplina ser obrigatória nas Universidades já mostra o avanço na sua aceitação. Strobel (2008, p. 102) considera que:

São raros os professores habilitados para trabalhar com os alunos surdos em sala de aula. Na maioria dos cursos de Pedagogia nas universidades não tinham estas especializações para esta área somente agora salvo pelo decreto n. 5626, de 22 de dezembro de 2005 que dá obrigatoriedade das aberturas de cursos de Libras nestes cursos, as coisas podem melhorar (STROBEL, 2008, p. 102)

Diante do exposto, nós, docentes de Universidades Federais, ministramos a disciplina de Libras nas unidades em que atuamos. Na Universidade

Federal de Pelotas (UFPel), essa é obrigatória nos cursos de licenciatura (Libras I) e optativa nos cursos de bacharelado (Libras I e II). E, na Universidade Federal de Rio Grande (FURG), isso também acontece, sendo oferecidas as disciplinas I e II obrigatórias e optativas aos cursos, com o adicional da disciplina de Psicologia e Surdez, ministrada para o curso de Psicologia.

Antes disso, gostaríamos de esclarecer o porquê do surgimento da disciplina Psicologia e Surdez, ministrada ao curso de Psicologia. Acreditamos que essa disciplina é importante, já que a docente é surda, graduada em Psicologia e também em Letras Libras, tendo já experiência na área da Psicologia, relacionada com a área da Educação. Tal disciplina não oferece o aprendizado da Libras na prática; a disciplina se foca em aulas teóricas. Assim, os discentes podem se matricular nas duas disciplinas simultaneamente e relacionar prática e teoria.

Na disciplina Psicologia e Surdez, constam em sua ementa temas tais como: Formação de profissionais da área da saúde a partir de uma perspectiva sócio-antropológica, destacando temáticas referentes à família e suas relações com o filho surdo; Processos comunicativos nos ambiente familiar e clínico; A mediação através de língua de sinais e os processos de identificação e de constituição do sujeito surdo. E, por fim, a disciplina de Libras apresenta em sua ementa as seguintes temáticas: Fundamentos linguísticos e culturais da Língua Brasileira de Sinais; Desenvolvimento de habilidades básicas expressivas e receptivas em Libras para promover comunicação entre seus usuários; Introdução aos Estudos Surdos.

Vale ressaltar que, em ambas as disciplinas acima referidas, nenhum dos discentes ouvintes havia tido experiência em sala de aula com algum docente surdo, que usa a Libras para se comunicar. Assim, no que diz respeito a esse trabalho, é importante saber que essas disciplinas têm docentes surdos, pois o foco dessa pesquisa reside na representação desses discentes sobre a Libras e os surdos em geral.

Neste ponto do artigo, começamos a envolver as teorias básicas que fazem parte do nosso trabalho, principalmente as teorias de Estudos Surdos. Usamos, principalmente, os Estudos Surdos, por acreditar que essa é a teoria básica da disciplina de Libras, relacionando as experiências de docentes surdos e discentes ouvintes. Também acrescentamos que os Estudos Surdos auxiliam os discentes a entender varias áreas ligadas à Surdez, como, por exemplo, a área educacional e política. Skliar (1998) escreveu sobre os Estudos Surdos:

Os Estudos Surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas

surdas, são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político (SKLIAR, 1998, p.5).

Os Estudos Surdos nos permitem envolver várias temáticas dentro da disciplina, principalmente para que os discentes ouvintes conheçam melhor a respeito da história, cultura e identidade dos surdos. Tais temáticas são apresentadas e discutidas pelos docentes surdos nestas disciplinas.

1. Material e Métodos

Nesta sessão, trataremos da metodologia. Como problema da pesquisa, temos: Como discentes ouvintes compreendem a Libras e os docentes surdos, sinalizadores, no ensino superior?

A partir desse problema de pesquisa, enumeramos, como objetivo geral, analisar o que os discentes ouvintes, matriculados nas disciplinas de Libras e Psicologia e Surdez pensam e representam sobre a Libras e os surdos em geral.

Como objetivos específicos, apontamos:

- Analisar as representações e os discursos de discentes ouvintes sobre surdos em geral;
- Descobrir o que os discentes ouvintes significam sobre os docentes surdos;
- Relacionar as impressões dos discentes coletados no primeiro e último dia de aula.

Como já foi explicitado, pretendemos entender e analisar as respostas de discentes das disciplinas citadas, bem como sua opinião no que diz respeito à Libras e aos surdos em geral. A partir desse, delinhamos nossa metodologia. Utilizamos um questionário previamente elaborado, o qual foi entregue a cada discente, para que esses respondessem livremente com suas opiniões. Esse questionário foi entregue no primeiro dia de aula, antes de qualquer apresentação formal pelos docentes. O mesmo questionário também foi apresentado no encerramento da última aula do semestre. Procedemos desta maneira por acreditar que no primeiro dia de aula os discentes estão sem conhecimento algum sobre a temática apresentada e, após o semestre de aulas e o contato com os docentes surdos, possivelmente, seu conhecimento será alterado.

Apresentamos o questionário entregue aos discentes:

1. Escreva as cinco palavras que lhe vem à mente e que definiriam surdez, justificando cada uma delas.
2. Você já teve contato com surdos antes? Como foi?
3. Já participou de curso de Libras ou eventos e disciplinas que falassem sobre a surdez?
4. Você sabe o que é Libras? Explique.

Sobre as turmas que responderam ao questionário acima descrito, cada uma delas possui, no mínimo, quinze discentes. Então, para não tivéssemos um corpus de análise muito extenso, escolhemos cinco discentes de cada turma para análise. Buscamos resultados qualitativos e quantitativos.

Para a análise, confrontamos as respostas com os escritos de Foucault. Ele nos auxiliou a refletir sobre o discurso produzido pelos discentes. Através desse autor, foi possível perceber que os sujeitos possuem suas representações sobre os surdos e que essas podem ser influenciadas pelos contatos e relações que se estabelecem com eles.

O entendimento de discurso que utilizamos neste trabalho é oriundo do pensamento de Foucault, o qual propõe uma tarefa inteiramente diferente, “que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2002, p. 56). Sendo assim, os discursos não representam simplesmente os objetos de que falam, mas fabricam, produzem e constituem esses objetos.

Outro autor importante e utilizado nesta análise é Larrosa. Utilizamos seu conceito sobre experiência, porque, acreditamos que nós, docentes surdos e discentes ouvintes, estabelecemos uma experiência através do nosso contato. Após o contato com um surdo, sua opinião pode não ser mais a mesma, em virtude dessa experiência. Larrosa (2008) explicou sua visão sobre experiência:

O que me proponho é fazer vibrar esse desejo de realidade com essas práticas e esses discursos que chamamos de investigação educativa. A experiência não é outra coisa se não a nossa relação com o mundo, com os outros e com nós mesmos. Uma relação em que algo nos passa, nos acontece. Então, o desejo de realidade está ligado à experiência, no sentido de que o real só acontece se experimentado, o real é o que nos passa, nos acontece na experiência (LARROSA, 2008, p. 186).

Assim, analisamos neste trabalho as representações e discursos de discentes ouvintes, capturados em questionários, quando foram convidados a falar de suas experiências. Larrosa (1994) argumenta que:

A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. E esse próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas (LARROSA, 1994, p.43).

Portanto, nesta pesquisa, utilizamos os conceitos de discurso em Foucault (2002) e experiência em Larrosa (1994) como ferramentas teóricas que nos ajudam a realizar as análises dos dados produzidos nos questionários. Esta pesquisa encontra-se em fase de análise, pois percebemos a riqueza dos comentários, bem como as diferenças existentes entre as primeiras e últimas respostas aos questionários.

2. Resultados e Discussões

Apresentamos algumas discussões que temos até o momento, em relação à representação e discurso de discentes ouvintes e suas experiências. No primeiro momento, vamos discutir sobre a tabela abaixo, onde apresentamos cinco palavras que os discentes escolheram para definir os surdos em geral, tanto no primeiro dia, quanto no último. Ao analisar tais palavras, podemos compreender as mudanças que ocorreram nas representações que esses possuíam sobre a surdez no começo da disciplina, bem como as alterações ocorridas até o último dia de aula.

Antes de nos aprofundarmos, é importante salientar que a primeira tabela, localizada abaixo, se refere às palavras recolhidas nos questionários do primeiro dia de aula. A segunda tabela demonstra as palavras recolhidas no último dia de aula. Analisamos as palavras dispostas nos questionários e criamos quatro categorias. Lembramos que houveram muitas palavras repetidas, as quais inserimos uma única vez.

PRIMEIRO DIA DE AULA				
CATEGORIAS	CORPO	VISÃO CLÍNICA	MUNDO SURDO	MARCA
PALAVRAS ESCOLHIDAS PELOS DISCENTES	Som Audição Sentido Percepção Atenção Ouvido	Deficiência Limitação Patologia Mudo Ausência Dificuldade Linguagem Falta	Libras Língua Comunicação Comunidade Escola Especial Diferença	Carisma Desafio Dinamismo Realidade Expressividade Silêncio

Tabela 1: Palavras mencionadas pelos discentes no primeiro dia de aula.

Percebe-se que no primeiro dia de aula, os discentes elegeram palavras que demonstravam uma perspectiva clínica da surdez, ou seja, encaravam a surdez como uma doença que precisava ser medicada, curada.

Nenhum deles havia tido contato prévio com pessoas surdas e com a comunidade surda. A maioria de discentes começou a entender sobre Libras e sobre o Surdo quando ingressou nas disciplinas. Esse contato ajudou-os a diminuir o entendimento da surdez como deficiência, além de diminuir a visão que alguns possuem de que o indivíduo surdo é um ser deficiente, doente e estereotipado ou excluído. Sobre isso, Skliar (1998) anuncia que:

[...] são estudos que têm como foco principal as representações hegemônicas sobre as identidades, histórias, comunidades e culturas dos surdos e, também, as dimensões políticas que as reúnem nos discursos e nas práticas pedagógicas (SKLIAR, 1998, p. 5).

Faz parte do senso comum das pessoas que não têm contato com a comunidade surda, ou que desconhecem Libras e os surdos em geral, pensar neles como alguém deficiente, incapaz, entre outros, por falta de conhecimento, falta de contato e informação sobre estes assuntos. Por isso, a tabela mostrou que a maioria de discentes escreveu palavras que nos remetem à visão clínica da surdez, percebendo os surdos como deficientes. Falta, dificuldade e limite são algumas das palavras apresentadas que nos remetem a essa conclusão.

Martins (2013) escrevem sobre esta falta de conhecimento:

É importante ressaltar que muitos que não convivem com a comunidade surda julgam que os surdos são incapazes, já que não ouvem. A comunidade surda, então, passa a ser para os surdos uma proteção, é o local onde eles preferem viver cotidianamente, em que as relações com o outro, diferente de si, ficam amenizadas (MARTINS, 2013, p. 92).

Acreditamos que o fato de a disciplina de Libras ser obrigatória e tão procurada também pelos cursos onde ela é oferecida como optativa, mostra o quanto é importante para o discente apropriar-se desses conhecimentos, ampliando e modificando, quando necessário, seu conceito sobre o surdo e a surdez. Isto é de extrema importância, principalmente para formação do docente, pois como salienta Gesser (2009):

A maioria dos cursos universitários que preparam os profissionais para atuar com a surdez têm insistentemente localizado tais indivíduos na narrativa da deficiência, promovendo concepções geralmente simplificadas, construídas a partir de traços negativos como, por exemplo, a falta de língua(gem). (GESSER, 2009, p.292)

Após o primeiro contato, passamos a ministrar as aulas seguintes em Libras, com algumas teorias, principalmente relacionando com os Estudos Surdos, para que os discentes pudessem conhecer mais sobre Libras, bem como sobre o surdo e a surdez.

Os conceitos discutidos e apresentados através dos Estudos Surdos são capazes de ampliar ou modificar as representações que a sociedade têm a respeito do surdo. Skliar (1998) comenta:

Um horizonte epistemológico na definição da surdez, no qual ela possa ser reconhecida como uma questão de diferença política, de experiência visual, de identidades múltiplas, um território de representações diversas que se relaciona, mas não se refere aos discursos sobre a deficiência. (SKLIAR, 1998, p. 29)

A conquista dos Estudos Surdos contribui para o fortalecimento da cultura e da identidade surda, favorecendo a vivência desses sujeitos e o compartilhar de experiências que auxiliam a mudar a visão de outros a respeito de quem eles são.

No que diz respeito ao último dia de aula, percebemos que alguns descreveram de maneira diferente do primeiro questionário, já que não encontramos nenhuma palavra que se enquadrasse na categoria Clínica, como anteriormente. Assim, essa última tabela está dividida em apenas três categorias, como pode-se observar a seguir:

ÚLTIMO DIA DE AULA			
CATEGORIAS	VISÃO	MARCA	MUNDO SURDO
PALAVRAS SCOLHIDAS PELOS DISCENTES	Profundo Sensível Forte Silêncio Perceber	Respeito Diferença	Libras Comunicação Expressão Cultura Comunidade Habilidade Identidade Potencialidade

Tabela 2: Palavras mencionadas pelos discentes no último dia de aula.

Encontramos dados interessantes nessa última tabela. O primeiro impacto é a grande diferença existente entre as palavras mencionadas no primeiro dia de aula. Acreditamos que a tabela mostra que os discentes ouvintes compreenderam, de maneira clara, o mundo dos surdos, principalmente sobre a sua visão antropológica, e não clínica. Usaram palavras como: cultura, comunidade, comunicação, entre outras.

É importante refletir sobre o significado do termo surdo, pois há diferença entre surdez e surdo. Para sujeitos surdos, o termo surdo não significa perda auditiva, e sim a existência de mundo surdo, uma diferença, já que eles conviveram com pessoas que possuem outra língua, outra identidade, outra comunidade, histórias de vida diferentes, entre outros. Mesmo assim, o que nos parece é que a forma como a maioria da sociedade enxerga o mundo surdo é muito distante da forma como os próprios surdos a enxergam. Podemos dizer que há uma epistemologia surda.

No passado, os ouvintes se preocupavam com a educação, normalização e, nesse momento, surdos independentes se uniam para discutir sobre educação e diferença. Bauman e Murray (2009) argumentam que, no passado, as práticas pensadas para os surdos eram de normalização audista e, no século 21, os sujeitos surdos repensam e propõem uma nova educação de surdos, uma nova visão, novas metodologias, novos resultados, novas perspectivas, entre outros. Sobre isso, Bauman e Murray (2009) descrevem:

O primeiro passo em direção a tal “repensar” da direção da educação surda é considerar as bases sobre as quais a educação surda tem sido construída. Antes de nós podermos imaginar metodologias e resultados, nós devemos dar um passo atrás e

examinar a noção de estruturação em educação surda. Como a moldura de uma pintura, as estruturas da mente guardam certas associações e deixam outras de fora; como a estrutura de uma casa, elas emprestam uma estrutura particular ao todo, e frequentemente requerem um imenso trabalho para adicionar. No que segue, este ensaio sugere que nós não devemos construir uma adição à estrutura existente que aloja muito da educação surda, mas imaginar uma estrutura totalmente nova, encarando uma direção completamente diferente. (BAUMAN e MURRAY, 2009, p.1)

É muito interessante o fato de que percebemos a mudança na representação e conhecimento, já que, no início, os discentes não sabiam o que significava exatamente a pessoa surda. Isto aconteceu muito em função da falta de informação e contato com pessoas surdas. Quando os discentes dos cursos de licenciatura entravam na sala de aula da disciplina de Libras, era visível o choque por encontrar um docente surdo. Em suas faces, havia o espanto do encontro com o diferente, o medo de se comunicar com aquele docente e a insegurança, por pensar que seriam incompetentes para aprenderem aquela nova língua. Havia a estranheza, mas também pena por parte dos discentes, já que não possuímos os mesmos cinco sentidos que eles.

Com o passar do tempo e o aprendizado da Libras, num período de dez semanas, aqueles discentes outrora espantados e, alguns, desesperados, já conseguem se comunicar com o docente, cuja opinião sobre ele, até então, era da ‘falta de um sentido’. A única mudança não foi apenas no conhecimento que a Libras trouxe, mas o fato de que eles conheciam teorias básicas sobre os surdos, as quais pesquisaram e apresentaram em seminários, ao longo da disciplina.

O conhecimento que eles adquiriram foi fundamental para a mudança da visão apresentada na segunda tabela. Infelizmente, o tempo de um semestre é pouco para apresentar todos os conteúdos explicitados na ementa da disciplina. Ao mesmo tempo que queremos apresentar conceitos, também precisamos ensinar a língua e o tempo é insuficiente para tudo, já que, para eles, a Libras é a segunda língua, com todas as implicações que o ensino aprendizagem de qualquer outra língua envolve.

Apresentando os conceitos, bem como os sinais, com muita paciência, os discentes conseguem compreender melhor o que significa essa pessoa, bem como sua língua. Não é simples apresentar estes conceitos sobre os Estudos Surdos. É como fazê-los ingressar num outro mundo. O ensino precisa ser cauteloso, explícito, teoria a teoria, a fim de que ele possa compreender e, aos poucos, ir vislumbrando este outro mundo.

Tendo em vista a nossa experiência enquanto docentes de Libras, percebemos a importância da organização cuidadosa de materiais, conteúdos e teorias, a fim de que os conceitos sejam apreendidos sem equívocos. A possibilidade desta disciplina é valiosa para argumentar e apresentar conceitos com os quais esses discentes nunca estiveram familiarizados, apesar de saber sobre a existência de pessoas surdas. A maneira como apresentamos e desenvolvemos a disciplina é, portanto, fundamental para que estes discentes compreendam, sem erros e enganos, quem realmente significamos, quem de fato somos.

Outra questão em relação à disciplina é que precisamos apresentar em um semestre, não só conceitos, mas também a prática da língua. Em virtude disto, a organização de materiais escritos que contenham os conceitos e discussões da área podem contribuir grandemente para que os discentes tenham tempo para se apropriar destes conhecimentos fora da sala de aula, aproveitando o momento do encontro para discussões e a prática da língua. Estes momentos de prática da Libras são realizados através de dinâmicas, diálogos e conversação.

Na disciplina de Psicologia de Surdez, 80% do semestre é utilizado para apresentar as teorias e 20% para a prática de Libras. Já na disciplina de Libras, ao contrário, utilizamos para a prática de Libras, 80% do tempo e, os 20% restantes, para teorias. Por isso, é pouco tempo disponível para ver em sala de aula os conteúdos teóricos com os discentes. Mas, consideramos importante instigar os discentes a conhecerem e buscarem novos conhecimentos a respeito do assunto. A ideia de buscar novos conhecimentos da área poderá fomentar o surgimento de disciplinas que sejam sequência para as já existentes, como: disciplina Libras I até IV ou Estudos Surdos I e II, ou Educação dos Surdos I e II. Isso, em virtude da importância e urgência de que futuros licenciados façam a diferença na vida dos surdos, quando interagirem com eles na sociedade.

Conclusões

A proximidade dos docentes surdos com os discentes ouvintes, ao ministrar as disciplinas Libras I e Psicologia Surdez é fundamental, não só para apresentar os conceitos e as práticas da Libras mas, também, para desmistificar a visão prévia que tinham sobre nós. Ficou evidente a mudança no comportamento e nas representações dos discentes a nosso respeito durante o transcorrer das disciplinas. No lugar da vergonha, do medo, da expressão de pavor,

outros sentimentos como o respeito, a admiração, o carinho e a vontade de se comunicar, tomaram conta. Muitos deles se apropriaram da Libras com muita facilidade, comunicando-se muito bem conosco. Eles se encorajavam a comunicar-se diretamente conosco, mesmo nos dias em que havia a presença do profissional tradutor intérprete da Libras, para intermediar a apresentação de alguma teoria ou traduzir os seminários.

Constatamos que é evidente a importância de disciplinas como essas para a ampliação das representações sobre o sujeito surdo, sobre a Libras e a surdez em geral. Pensar que esses discentes irão multiplicar suas experiências com docentes surdos para outras pessoas, faz-nos ter a esperança de que um dia poderemos conviver melhor em uma sociedade que ainda pensa erroneamente a nosso respeito.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, H-Dirksen. *Audism: Exploring the Metaphysics of Oppression*. Journal of Deaf Studies and Deaf Education vol. 9 no.2. Oxford University Press, 2004.
- BAUMAN, H-Dirksen. MURRAY, J. Joseph. *Reframing: From hearing loss to Deaf gain*. *Deaf Studies Digital Journal*, 1. 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- GESSER, Audrei. Do patológico ao cultural na surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas. In: QUADROS, R.M de; STUMPF, Marianne R. *Estudos Surdos IV*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LARROSA, Jorge. Desejo de realidade – experiência e alteridade na investigação educativa. In: BORBA, S.; KOHAN, W. (orgs.) *Filosofia, aprendizagem, experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 185-193.
- MARTINS, Francielle Cantarelli. *Dissertação* (Slide de apresentação) – Programa Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas (RS), 2013. Acessada em: <https://prezi.com/xow0nymfdpc6/dissertacao/>
- SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Medição, 1998.
- STROBEL, Karin Lilian. *Surdos: Vestígios culturais não registrados na história*. Tese. XXf.– Programa Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 2008.
- STROBEL, K. L. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 1ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2008. v. 1, p 118.

